

O SILÊNCIO QUE GRITA E O RUÍDO QUE SILENCIA: FRANS KRAJCBERG E EM’KAL EYONGAKPA NA 32ª BIENAL DE SÃO PAULO

Márcia Helena Girardi Piva¹

Na atualidade, a conscientização sobre as questões ambientais que afligem o contexto contemporâneo, é colocada em pauta por diversos artistas como emergencial. Através de dados que se atualizam a cada momento, que enfatizam as mudanças climáticas, a liberação excessiva de gases poluentes, a elevação do nível do mar, entre outras consequências provocadas pela ação desmedida do homem quanto ao descuido com o ambiente natural, busca-se o empenho das nações para posicionarem-se criando ações efetivas quanto à questão ambiental que envolve todo o planeta. A arte, como área de conhecimento, torna-se um veículo de importância relevante sobre a formação de uma conscientização em defesa da natureza, em sua busca por encontrar um espaço harmônico entre o meio ambiente e o homem, repensado através de uma dimensão afetiva, estética e antropológica.

A 32ª Bienal de Artes de São Paulo possibilitou uma profunda reflexão sobre o nosso estar no mundo. Nos fez pensar que fazemos parte de um grande tecido de relações que se interagem. Com o tema “Incerteza Viva” fomos arrebatados por sons e silêncios que nos sacudiram dentro de realidades que, falsamente, parecem não nos afetar. Porém, ao percorrer a mostra, era possível perceber que não existe um “fora” e que todos nós pertencemos a um “todo”. Este texto busca a reflexão crítica sobre nossa responsabilidade quanto às questões ambientais, a partir da relação entre duas instalações apresentadas na 32ª Bienal de Artes de São Paulo, ocorrida no ano de 2016. Entre as várias obras expostas, a mostra possibilitava que o visitante adentrasse em duas florestas distintas, em uma delas o silêncio era veículo para escutar o grito de socorro da natureza e, na outra, eram os ruídos que faziam interagir diferentes instâncias.

A floresta queimada de Frans Krajcberg [Fig.1], presente no andar térreo, posicionada diante da grande parede de vidro que separava o espaço exterior e interior da mostra, fazia refletir sobre o contraste, que então passava a ser claramente visível, entre a natureza viva e exuberante que enchia de energia e vida o espaço do Parque do Ibirapuera, e a natureza morta resgatada por Krajcberg. O artista, ao recolher o que restou das queimadas que constantemente sucumbem as florestas brasileiras, transforma a natureza

¹ Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo/MAC-USP. Doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - 2015 (bolsista FAPESP). Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNICAMP- 2010 (bolsista FAPESP). Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - S.Paulo (1985). Artista Plástica e Professora de Arte. É autora do livro: “A Paisagem Brasileira na Obra de Anselm Kiefer: Memória e ruínas nas megalópoles”. Artigos: “Natureza em chamas: reflexões sobre a arte e ecologia na obra de Frans Krajcberg”, Revista CROMA - Universidade de Lisboa & Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes, Portugal. “Frans Krajcberg: a identidade brasileira revelada através do olhar para a natureza” - Revista ESTÚDIO - Universidade de Lisboa & Centro de Investigação em Belas-Artes, Portugal.

CurrículoLattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4756441U5>

desprovida de vida em esculturas que parecem emitir, como o próprio artista costumava comentar, um grito de socorro. O espaço silencioso de sua instalação permitia escutar sons que, em tons de vermelho e preto, silenciosamente penetravam na alma e ecoavam como uma voz muda, nas cores de sangue e de morte [Fig.2] - representação das inóspitas ações humanas de desrespeito ao ambiente natural.

“*Rustle 2.0*” [Fig.3] foi a instalação criada pelo artista africano Em’kal Eyongakpa, onde a escuridão permitia apenas ver algumas luzes, como pulmões humanos, diretamente relacionadas às formas geográficas da África e da América do Sul [Fig.4]. A visão era atraída pelas colchas de LED que pareciam recarregar os “continentes-pulmões” [Fig.5]. O ambiente envolvia o visitante em todos os sentidos, pelo cheiro de natureza exalado das paredes e chão recobertos de micélio e, principalmente, por sons de florestas, cantos de povos e motosserras. Em “*Rustle 2.0*” (2016) os elementos orgânicos e cibernéticos inferiam sobre o impacto da humanidade na natureza.

As instalações dos dois artistas citados, apresentadas na Bienal de São Paulo, evidenciavam a complexa relação entre natureza e cultura. Ao associá-las, busca-se ampliar a noção de integração de diversas relações que envolvem a percepção da realidade de um mundo transformado, globalizado, que procura o amadurecimento da consciência ecológica e perceptiva do mundo.

Este texto ressalta, entre outras questões, o reconhecimento de Frans Krajcberg, um artista que dedicou sua vida a perseguir os rastros da destruição deixada pelo homem, para comunicar, através de seus troncos calcinados transformados em esculturas, a indignação quanto à falta de cuidado do homem em relação à natureza. No Brasil, criou em parceria com crítico de arte Pierre Restany - que liderou o movimento Novo Realismo na França - o Manifesto do Naturalismo Integral², durante uma viagem à Amazônia em 1978, com a participação do artista Sepp Baenderek. Recentemente, em 2013, renovou este Manifesto em parceria com Claude Mollard. Faleceu em 2017, poucos meses após ter participado de sua última Bienal no Brasil, cujo tema “Incerteza Viva” parecia acolher inteiramente sua proposta artística.

Frans Krajcberg foi soldado, durante a II Guerra Mundial, sua função, entre outras, era a construção de pontes de madeira. A madeira, que marcou a vida do artista em uma memória a ser esquecida, tornou-se a matéria de sua arte. Com sua chegada ao Brasil em 1948, após perder toda sua família no Holocausto, encontrará na natureza o motivo para retomar sua vida. A denúncia das queimadas e dos desmatamentos, constantes nas florestas brasileiras, começaram a construir-se junto ao seu processo artístico.

² Da permanência amazônica entre junho e setembro de 1978, em companhia do pintor Sepp Baenderek e do crítico de arte francês Pierre Restany, surgiria o *Manifesto do Rio Negro – Naturalismo Integral*, revelador de um novo conceito de naturalismo. O Manifesto parte da constatação de que “no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade”, para chegar à certeza de que “a natureza original deve ser exaltada, como uma higiene da percepção, e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco catalisador e acelerador de nossas faculdades de sentir, pensar e agir”. (Manifesto do rio Negro, 1978).

Atento à realidade natural, Krajcberg encontra no convívio com a fauna e a flora sua forma de expressão artística. Desde a década de 1970, quando decidiu viver em Nova Viçosa, no litoral da Bahia, esse enfrentamento se deu a princípio com a própria matéria-prima da natureza, extraída ou maltratada pelo homem. Ou seja, o artista responde à exuberância e à diversidade do ambiente local, ora denunciando agressões, ora transmutando os elementos de lá extraídos, o que o coloca em oposição às tendências majoritárias das vanguardas locais. [...] propondo a constituição de uma arte de fato sustentável, integrada ao pensamento progressista e democrático. Krajcberg, portanto, assume estrategicamente para a vida uma nova condição comportamental atenta às minorias, ao meio ambiente, ao bem-estar comum e à justiça social.³

Artista sempre ativo – com 95 anos – esteve presente na 32ª Bienal (2016) para verificar o espaço que abrigava sua floresta, resgatada das cinzas, resignificada - em suas entrâncias e reentrâncias, cores e formas. Da natureza e seus resquícios, como um alquimista, transformou a natureza destruída pelo homem em um chamado e revisão de fatos. O local escolhido ocupava, estrategicamente, o andar térreo, muito próximo à parede de vidro [Fig.6]. As árvores exuberantes que rodeiam o Parque do Ibirapuera recepcionavam o público até a entrada da mostra. O impacto era percebido ao transpor-se do espaço externo para o interior do prédio da Bienal. O posicionamento da natureza - deflagrada pelo homem, com suas raízes apontadas para o céu - gerava certa angústia, a mesma que do olhar exaustivo de quem vivenciou cenários de guerra, encontrou nas formas da natureza, ela mesma arrasada, um chamado de socorro.

O artista, portanto, ao escutar o grito da natureza, tomou-o para si, como o motivo mais precioso e verdadeiro para prosseguir com suas manifestações artísticas, em favor de algo que se tornou a causa essencial e importante em sua vida: a defesa do planeta. O legado de chamar a atenção para a questão ambiental, através da arte, entremeou-se a sua história de vida. Sua prática de resgatar a natureza morta para dar-lhe vida, tornou seu discurso consistente e sincero, que mesmo após sua recente morte, deixa viva uma memória de quem não quer calar.

Em'kal Eyongakpa, um jovem artista que trabalha com vídeos, instalações e performances faz seu pensamento transbordar a partir da reprodução de sons, selecionados em suas caminhadas em meio a florestas e rios. Na instalação apresentada na 32ª Bienal de São Paulo (2016), propunha adentrarmos no universo da mata e ao mesmo tempo no universo cibernético. O artista nos confrontava com o som da natureza presente nas florestas, assim como o de motosserras que invadiam o espaço natural. E assim, através dos registros por meios digitais - ferramentas que dominam o momento contemporâneo - nos remetia aos conceitos de rede e de sistemas.

Por meio de suas obras, o artista discute noções de equilíbrio e de interferência ao estabelecer a inter-relação entre elementos de distintas origens. Rustle 2.0 [Farfalho 2.0]

³ MATOS, 2016, p.166. Incerteza Viva. Catálogo da 32ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo. Fundação Bienal.

(2016) consiste na criação de um ambiente que confronta elementos orgânicos com elementos considerados artificiais ou resultantes da ação do homem na natureza. As paredes cobertas por micélios proporcionam a ideia de redes interconectadas, em uma referência à internet; brônquios digitais se assemelham ao formato da África e da América Latina. [...] o título da obra refere-se à atualização de sistemas cibernéticos, colocando natureza e cultura como partes do mesmo todo e não como entidades separadas e autônomas. Eyongakpa sugere a ideia de algo orgânico na sobrevivência e na manutenção dos diversos sistemas – digitais, ecológicos, políticos – revelando uma estranha familiaridade entre eles.⁴

As transformações ocorridas na sociedade, que se tornaram indissolúveis e geraram conglomerados que mantêm relações de interdependência, subordinações e apreensões, distanciando-se do que antes era natural ao homem - como a relação homem/natureza - são abordadas através da poética do artista.

As obras citadas provocam diversas questões que se vinculam sobre as articulações do deslocamento da espécie humana sobre o planeta, sugerem a reflexão e conscientização a partir de análises sobre a trajetória da sociedade humana, entre centros naturais e urbanos, assim como a formação das culturas.

Frans Krajcberg nasceu em 1921, na Polônia, vivenciou os horrores da guerra, das queimadas e encontrou na defesa da natureza o motivo maior de sua trajetória de vida. Em'kal, nascido em 1981, no sudoeste da África, insere-se no contexto contemporâneo ao utilizar as tecnologias digitais em seus trabalhos artísticos. Os ruídos e sons, assim como o silêncio, comunicavam a história de vida dos artistas citados, que dentro de um espaço que emitia uma atmosfera de incertezas, mostravam conexões, de forma bastante intensa, através de suas instalações apresentadas na 32ª Bienal. Os sessenta anos que distanciam a idade dos dois artistas, aproximam-se, ao analisarmos a proposta de seus trabalhos. Ao adentrarmos em suas instalações, estas pareciam querer comunicar o mesmo, porém através de diferentes sons.

Em-kal Eyongakpa, portanto, sessenta anos mais jovem que Frans Krajcberg, revela o espelho de seu tempo, através dos materiais trabalhados, que remetem às questões de equilíbrio, redes, internet, que transitam pelo campo artístico, levantando questionamentos que se inserem sobre uma ecologia pensada de forma expandida, considerada em suas várias vertentes: social, ambiental e subjetiva.

Ao partir da ideia de que vivemos no período denominado Antropoceno, era geológica na qual a humanidade se torna agente climático ativo, Eyongakpa explora as atualizações humanas no sistema biológico terrestre. O adendo “2.0” ao título da obra dá conta dessa atualização cibernética que o artista aplica a um organismo biológico. As ideias de equilíbrio, conexão e interferência são exploradas nessa instalação através de objetos que compõem o ambiente [...]. O áudio da instalação resgata padrões rítmicos de respiração, sons urbanos, cantos tradicionais de povos da bacia do Congo, sons de derrubada de árvores (que levam consigo outras árvores), de modo a embalar o público em um ambiente cujas fronteiras entre o ser humano e a natureza – as redes cibernéticas e os micélios, as

⁴ 32ª Bienal de São Paulo, 2016. Em'Kal Eyongakpa. Incerteza Viva. Disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2548>.

organizações sociais e uma densa mata interconectada – desfazem-se e revelam uma estranha familiaridade ente si.⁵

Considerações finais

Os dois artistas em questão, cada um colocando-se como reflexo de seu tempo e da bagagem cultural que carregam, demonstram a preocupação com a formação de uma conscientização ecológica, através da sensibilização, do debate, da reflexão e da crítica, por meio de suas produções artísticas, que passam a destacar a problemática ambiental através de diversos enfoques e interpretações.

A degradação ambiental, as mudanças climáticas e suas caóticas consequências, assim como as catástrofes naturais, e as demais ameaças que rondam os ecossistemas do planeta, propõem uma atenção mais apurada para a formação de uma consciência coletiva que promova ações efetivas em defesa da natureza. A partir de um quadro de ações que legitima as escolhas da sociedade, surgem os questionamentos que impulsionam os artistas a referenciar suas obras às influências das atividades humanas sobre o destino da história global.

A 32ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo (2016) tornou-se um grande laboratório, que integrava questões em torno das incertezas que a todo o momento vivenciamos e, especialmente, motivava a pensar a ecologia como uma obra expandida. As obras expostas nos instigaram a refletir sobre as várias ecologias: a ecologia subjetiva, que estaria ligada ao que produzimos culturalmente, através de nossos pensamentos, costumes e tradição; a ecologia social, que engloba os fluxos de dinheiro, poder e economia; e a ecologia ambiental, do fluxo vegetal, dos recursos naturais e da reflexão sobre a sobrevivência do planeta.

Acontecimentos impossíveis de se descrever são registrados por artistas que confrontam o público com imagens e experiências sensoriais. As informações desagradáveis, muitas vezes convertidas em experiência estética, provocam reflexões. O poder das imagens sugere relações perturbadoras que mostram a urgência quanto ao descaso das ações humanas em relação ao cuidado com a natureza e com a sociedade como um todo.

Na atualidade, um grande número de artistas se debruça sobre as questões ambientais em seus mais diversos aspectos (o caos dos grandes conglomerados urbanos, a emissão de gases poluentes, as queimadas das florestas, o esgotamento de recursos naturais, a exploração de territórios, o destino do lixo, os desastres ambientais, entre muitos outros temas), e experimentam a vontade de renovar atitudes. Além de fonte de inspiração, o meio ambiente, torna-se tradução de alerta para estabelecer uma nova relação entre o homem e a natureza.

⁵ BUENAVENTURA, 2016, p.152 – Catálogo da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva.

A história deixou rastros, e com eles a necessidade de reparos culturais em nossa sociedade. A tomada de consciência sobre a dependência do homem em relação à natureza torna-se uma responsabilidade com as gerações futuras. O olhar para a natureza difunde-se em uma dimensão afetiva, estética e antropológica em diferentes correntes artísticas da atualidade. As problemáticas ecológicas, que afligem a sociedade atual, passam a nutrir uma nova corrente de pensamento, onde o campo artístico colabora intensamente. Sua diversidade de meios constrói, através de um grande emaranhado de fios, um grande tecido cultural que se estende sobre o ambiente natural.



Fig. 01 – Frans Krajcberg. Obras expostas na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016. Fonte: Foto da autora durante o evento, 2016.



Fig. 02 – Frans Krajcberg. Obras expostas na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016. Fonte: Foto da autora durante o evento, 2016.



Fig. 03 – Entrada da Instalação de Em'kal Eyongakpa na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016. Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.



Fig. 04 – Interior da Instalação de Em’Kal Eyongakpa na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016.

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.

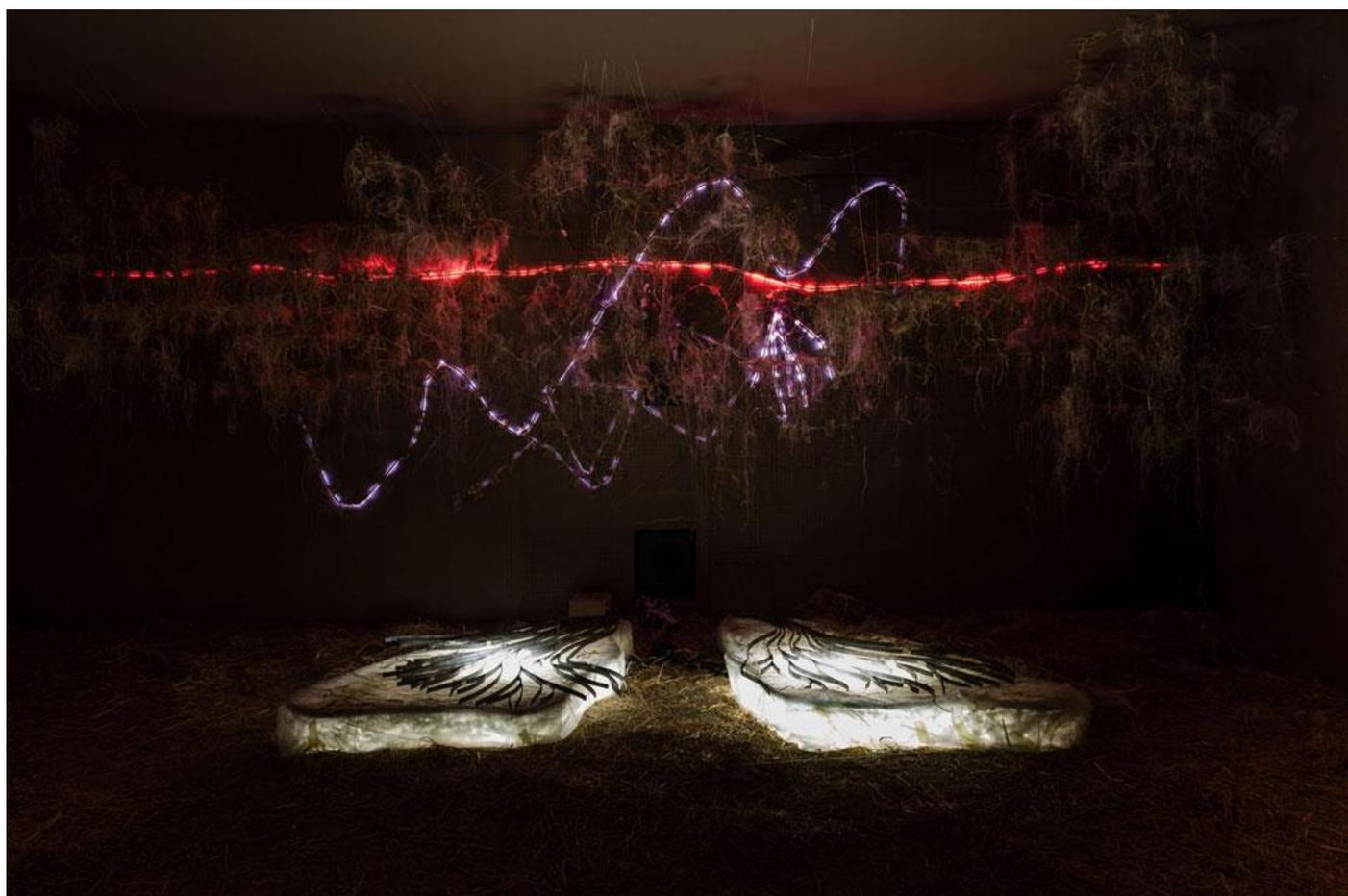


Fig. 05 – Interior da Instalação de Em’Kal Eyongakpa na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016.

Fonte: Fundação Bienal de São Paulo.



Fig. 06 – Frans Krajcberg. Obras expostas na 32ª Bienal Internacional de São Paulo, 2016. Fonte: Foto da autora durante o evento, 2016.

Referências bibliográficas

32ª BIENAL DE SÃO PAULO: **Incerteza Viva**: Catálogo/Organizado por Jochen Volz e Júlia Rebouças. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

32ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Incerteza Viva** – Em’Kal Eyongakpa. Fundação Bienal, 2016. Disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2548> Acesso em: nov/2017.

BUENAVENTURA, Júlia. Em’Kal Eyongakpa. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.

KRAJCBERG, Frans. **Frans Krajcberg: Natura**. Catálogo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). São Paulo: MAM, 2008. 104p.:Il.

KRAJCBERG, Frans e MOLLARD, Claude. **Nouveau manifeste du naturalisme intégral : nature-fleurs et jardin parallèle/Novo manifesto do naturalismo integral : natureza-flores e jardim paralelo**. Ed: Criteres, Paris, 2013.

MATOS, Diego. Frans Krajcberg. 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 433p.

RESTANY, Pierre. **Manifesto do Rio Negro**. Frans Krajcberg, Pierre Restany & Sepp Baendareck – Alto do Rio Negro, agosto de 1978. In: Frans Krajcberg: Natura. Catálogo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo: MAM, 2008. 104p.:Il.